

Resenha

Arlete Assumpção Monteiro¹

Título do Livro: Anna. A Brasileirinha de São Paulo

Autora: Isabel Maria Fidalgo Mateus

Coimbra, Portugal: Gráfica Ediliber, Lda.2020

O livro trata da e/imigração portuguesa para São Paulo, com base nas pesquisas realizadas pela autora em documentos escritos como certidões de batismos, de casamento, passaportes, fragmentos de cartas e depoimentos pessoais, incluindo fotografias amareladas e pesquisas no Museu da Imigração do Estado de São Paulo. A obra está organizada numa primeira parte denominada “A travessia do “Sísifo da Planura Oceânica” com doze itens; trata despedida de dois jovens - Carlos Alberto Lopes e o irmão Manuel Joaquim – que embarcariam do porto de Leixões, Portugal, com destino ao Brasil, nos idos de 1912. Os jovens viviam em Torre do Moncorvo, distrito de Bragança, sub-região do Douro, de onde saíram 914 emigrantes no ano de 1912, entre eles Carlos Alberto e Manoel Joaquim. Portugal, nessa época, vivia tempos difíceis desde a Proclamação da República em 1910, enfrentando um caos econômico e social. Carlos Alberto, apesar de jovem, já tinha constituído família, era casado e num bercinho reluziam os dois olhinhos do bebê. Prometeu à esposa que mandaria lhe chamar assim que conseguisse amealhar algum dinheiro. Manoel Joaquim, em seus dezenove anos, vivia com seus pais, trabalhando em jornadas na lavoura sob os olhos do patrão. Sonhava com o Brasil. A miséria e a fome e sem salário, só lhe restava engrossar a leva da emigração. Os dois irmãos partiram da aldeia. O pai foi o único da família que os acompanhou até a estação de trem da vila. As últimas palavras de Carlos Alberto para o pai foi “Entrego-lhe a nora e a netinha. Tome conta delas por mim!”

A primeira carta dos rapazes no Brasil demorou muito a chegar para a família portuguesa, relatava que, à princípio, fizeram alguns serviços com patrícios que já tinham negócios montados e os empregaram. Os dois irmãos trabalhavam numa padaria em São Paulo.

¹ Doutora em História Econômica, Universidade de São Paulo, Pós Doutora, Universidad de Salamanca (2017) e na Universidad Pablo de Olavide, Sevilha, Espanha (2005). Profa. Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro da Diretoria do CERU-Centro de Estudos Rurais e Urbanos-Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de História Social das Cidades – PUCSP. Comitê Editorial da Revista digital CORDIS-PUCSP. e-mail: arlete.as@gmail.com.

Entretanto, Manoel Joaquim havia sido contratado para trabalhar numa fazenda de café e partira para o interior de São Paulo.

A autora descreve em detalhes o material pesquisado.

Com a exceção do retrato de cor sépia tirado no estúdio Phot. Bernardo situado na Rua S. Caetano, 103, em S. Paulo – como se vê através da insígnia gravada no canto inferior direito da respetiva moldura de cartão rijo e rugoso –, e que fora enviado para Portugal após mais de uma década da saída do Carlos Alberto e do irmão, eu não possuo outra fonte autêntica para seguir o percurso deles no Brasil (p.27).

Com base na análise do retrato, a autora aponta que Carlos Alberto mandou chamar a mulher e a filha, uma vez que a foto tirada por fotógrafo profissional, apresenta o casal com seus cinco filhos.

Carlos continuava trabalhando na padaria em São Paulo, mantendo bom relacionamento com seu patrão, o Sr. Tavares, que decidiu comprar outra padaria num bairro de clientela em melhor condição econômica, entretanto, como não tinha filhos fez um acerto com Carlos Alberto. Sr. Tavares, imigrante português, já estava há mais de duas décadas em São Paulo, portanto deve ter chegado nos idos de 1890; em 1915 participou ativamente da fundação da União dos Proprietários das Padarias em São Paulo. Sr. Tavares morreu precocemente; assumiu as duas padarias sua esposa Dona Estrela. Como o casal não tinha filhos, Carlos Alberto prosseguiu trabalhando nas padarias, conforme o testamento deixado pelo Sr. Tavares e acordado com Dona Estrela.

«deixo por mútuo consentimento, meu e da minha esposa, ao meu dedicado e fiel empregado Carlos Alberto Lopes todos os meus bens, cito a primeira padaria que abri quando cheguei a São Paulo e a padaria e confeitaria que abri há poucos meses, bem como a moradia em que ficará a residir minha esposa até à sua morte, pois declaro-a detentora do usufruto de todos os bens que possuo...».(p. 36)

Quando Athylia, esposa de Carlos Alberto desembarcou em Santos, Anna, a filha do casal tinha 6 anos. Cresceu na padaria em que seu pai trabalhava. Anna, a filha do casal, ajudava o pai na padaria. Com a morte de Dona Estrela, passado algum tempo, Carlos Alberto decidiu arranjar um ajudante, o José Julio, recém-chegado de Portugal.

A autora do livro, continuou suas pesquisas buscando dados sobre Carlos Alberto no Brasil e cruzando dados para esclarecer suas dúvidas sobre a trajetória de vida dos dois irmãos no Brasil e encontrou nos documentos a Sra. Anna Lopes Margarido que em 1942 residia no Bairro da Água Fria, portanto Anna havia se casado com José Júlio Margarido, o auxiliar que trabalhava com seu pai na padaria.

Anna continuou trabalhando na padaria. Aponta a autora deste livro

Ainda que a confeitaria dirigida pela Anna se tivesse tornado rapidamente num lugar de encontro notório, sobretudo para os momentos de lazer da fina flor social, era da padaria que se tirava o maior lucro, devido às muitas e constantes entregas do pão a domicílio. Jovem, bem-parecido e desenrascado, o Zé Júlio depressa se tornou no carroceiro mais pretendido pela freguesia, criando-se um forte vínculo de fidelidade entre ele, os fregueses e o próprio estabelecimento (p. 142).

Carlos Alberto e o genro José Júlio concordavam com as medidas de higiene impostas pelo governo principalmente em relação às cocheiras dos cavalos que puxavam as carrocinhas dos entregadores de pão.

A segunda parte da obra denominada “O Regresso Improvável do Sísifo à Montanha” trata de Ana Augusta e a fotografia amarelecida da família de Carlos Alberto no Brasil. Ana Augusta tinha a intenção de concretizar a antiquíssima aspiração dos seus antepassados portugueses: pisar outra vez o chão nativo para abraçar de novo a família. Ana Augusta na altura dos anos de 1980 chegou em Portugal quando acabara de se formar para exercer a profissão de dentista. Preferiu a metrópole portuguesa, como qualquer um dos 170 jovens da sua idade. Ana Augusta é descendente da menina que desembarcou no porto de Santos, ao lado de sua mãe, aflita e insegura na terra desconhecida.

A obra retrata a busca da pesquisadora por conhecer, analisar e refletir a trajetória de seus antepassados portugueses que marcharam para o Brasil: Carlos Alberto e Manoel Joaquim. A autora trabalha com diferentes fontes, analisando os dados e tecendo comparações. Surge então uma obra onde o alicerce é a pesquisa histórica na construção literária; esta suaviza e ilumina a história através da escrita literária. A narrativa - construída com os dados coletados no decorrer da pesquisa - é transmitida ao leitor de forma romanceada, o que desperta curiosidade. É uma

contribuição para a História de São Paulo e do Brasil e, até mesmo, da América Latina onde os deslocamentos humanos constituem um dos problemas da atualidade.

Escrita de maneira clara, com participação da autora na narrativa, cujas falas estão destacadas em letra de formato itálico, detalhe que aprofunda o interesse do leitor e, principalmente do historiador, pela narrativa; a escrita deixa de ser meramente descritiva quando a autora adentra na narrativa como participante da escritura, o que demonstra a importância da pesquisa histórica para subsidiar a narrativa literária e esclarecer determinadas situações. Anna Augusta, portanto, é a brasileirinha que vai a Portugal encontrar seus antepassados, desvendar e conhecer sua própria história; Anna (Augusta) que leva o título da obra, nascida no Brasil, é a neta da Anna, que desembarcou em Santos, aos 6 anos de idade, ao lado de sua mãe, que vinha encontrar seu marido, depois de 5 anos separados pelo oceano Atlântico e acolhido nas terras de Piratininga.